

# Boletim da MEMÓRIA

Ano II

Piraquara, 31 de Janeiro de 2024

2ª Quinzena

Nº 18

## Apresentação

### **Mês da Visibilidade Trans**

Por Editorial

Nesta edição especial, o Boletim da Memória dedica-se ao debate sobre a visibilidade Trans e Travesti, principalmente nos contextos históricos e dentro dos espaços museológicos. A Nova Museologia aponta para as instituições museológicas como um lugar que acolhe os debates da sociedade e do território em que estão incluídas, e produz conhecimento a partir disso.

Por essa razão, atentamos para o fato de que no dia 29 de janeiro de 2004, em Brasília, um ato nacional foi organizado para lançar a campanha "Travesti e Respeito". Esse evento representou um marco na história do movimento contra a transfobia e na busca por direitos dessa população, sendo assim, a data foi oficialmente designada como o Dia Nacional da Visibilidade Trans no Brasil. Tendo em vista a discussão nacional, a Casa da Memória se propõe a discutir o tema a partir do território piraquarense.

## História

### **"Minha navalha carrega o fio da vida"<sup>1</sup>**

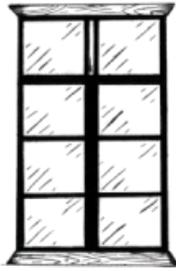
Por Derick Ehyeh

Este "babado"<sup>2</sup> é dedicado a Luana Birilu e a todas as pessoas da comunidade Travesti/Transexual que, infelizmente, não estão mais entre nós, sendo vítimas das mais graves violações de direitos de ser e de viver com dignidade. Para a sociedade cisgênera heteronormativa<sup>3</sup>, manter na história e na memória de uma cidade os nomes de vivências trans, moradoras de rua e trabalhadoras do sexo não é desejado. Essas vidas são frequentemente estigmatizadas, consideradas imorais e marginais, negando-lhes qualquer vínculo de humanidade e relegando-as à condição de sujeira, degeneração e à imagem

<sup>1</sup> Trecho inicial da música "Andar em Paz" da compositora travesti Urias, lançada em 2019.

<sup>2</sup> Expressão Pajubá/Bajubá, "babado" significado fofoca, acontecimento, novidade, algo novo ou brilhante. BABY, Jovana. Diálogo de bonecas. Rio de Janeiro: Iser/PIM, 1992. Disponível em: <http://www.fonatrans.com/p/dialogo-de-bonecas.html>. Acesso: 16/01/2024.

<sup>3</sup> A cis-heteronormatividade é a construção de uma sociedade na qual a norma é que todos os corpos se desenvolvam para se tornarem cisgênero e heterossexuais. Cisgênero: é usado para definir pessoas que se identificam com o gênero que é designado quando nasceram. Heteronormatividade: aquilo que é tomado como parâmetro de normalidade em relação à sexualidade, para designar como norma e como normal a atração e/ou o comportamento sexual entre indivíduos de sexos diferentes. ROSA, Eli Bruno Prado Rocha. Cisheteronormatividade como instituição total. *Cadernos PET-Filosofia*, v. 18, n. 2, 2020.



# Boletim da MEMÓRIA

Ano II

Piraquara, 31 de Janeiro de 2024

2ª Quinzena

Nº 18

estereotipada de meros objetos sexuais para o prazer alheio.

Luana Birilu (Bilu) foi uma das personalidades conhecidas nas ruas de Piraquara. Por um lado, era reconhecida por sua alegria e brincadeiras,<sup>4</sup> por outro, era ridicularizada e objetificada. Isso fica evidente em um dos vídeos facilmente encontrados no YouTube, intitulado "Bilu Piraquara". Na exposição de sua imagem, a vemos apenas de calcinha e sutiã, em total estado de desordem mental, na frente de um carro. Quem filma expressa seu mais sincero pensamento de ódio, dizendo: "Prende essa merda [...], atropela, passa por cima".<sup>5</sup>

Luana Birilu foi assassinada aos 33 anos de idade, após anunciar sua intenção de denunciar o tráfico de drogas. A coautora do homicídio qualificado perdeu a dívida de 5 mil reais do responsável do ato de transfeminicídio, no qual o agente do crime levou a vítima para um matagal e a matou, esfaqueando-a brutalmente, resultando em sua desfiguração. Sua morte foi ritualizada e cruel, indo além de uma única facada,

ocorrendo dezenas delas em busca de um desfecho definitivo, impulsionado para além, o ódio.<sup>6</sup>

Ela foi sepultada no Cemitério Municipal Bom Jesus dos Passos, e seu nome social não foi respeitado pelos familiares.<sup>7</sup> No entanto, antes de morrer, deixou sua marca em uma calçada de cimento - Birilu, seu nome. Mesmo na ausência de uma narrativa histórica formal, ela deixou uma memória. Por isso, fico pensando, se um dia decidirem reformar a calçada, seu nome será apagado, como tantas vezes desejaram?



(Calçada - foto: Regina Almeida, 2023).<sup>8</sup>

<sup>4</sup> Youtube:

<https://youtu.be/-afOqGnOFec?si=bPdTV3wLoBDG1xhs>. Acesso: 23/01/2024.

<sup>5</sup> Youtube:

<https://youtu.be?MuEipceE7D?si=z5zbnFfPkHkg-zkU>. Acesso: 23/01/2024.

<sup>6</sup> Tribunal do Jurí Piraquara (PR). 12/09/2023.

Disponível:

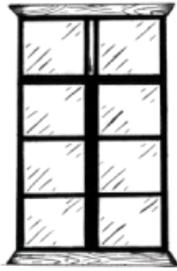
<https://www.youtube.com/watch?v=ndsSdUZUTAw>.

Acesso: 23/01/2024.

<sup>7</sup> Luana Birilu (nome social), "nome morto" (registro civil): Luciano Zellner da Silva. Disponível em:

<https://www.tribunapr.com.br/noticias/curitiba-regiao/li-sta-dos-falecimentos-do-dia-em-curitiba-e-regiao-2/>.

<sup>8</sup> Está à frente da Secretaria de Meio Ambiente. R. Barão do Cerro Azul, 361 - Centro, Piraquara - PR.



# Boletim da MEMÓRIA

Ano II

Piraquara, 31 de Janeiro de 2024

2ª Quinzena

Nº 18

O termo "transfeminicídio" denota uma política sistemática de eliminação da população de mulheres travestis/transsexuais no Brasil, impulsionada pelo ódio de gênero.<sup>9</sup> O Brasil é identificado como o país com o maior número de assassinatos de travestis e transexuais no mundo.<sup>10</sup> A falta de respeito ao nome social e o apagamento de identidades trans persistem após a morte, perpetuando a invisibilidade e desconsideração. O uso inadequado de nomes masculinos e a identificação errônea na mídia contribuem para o apagamento dessas vidas. Este desrespeito simbólico é uma forma de violência que reflete a cisnormatividade, apagando a identidade das pessoas trans mesmo após a morte.

A experiência de pessoas trans nas ruas do Brasil é marcada pela discriminação. A falta de acesso a serviços básicos, como saúde e emprego, leva muitas vezes à prostituição como meio de

sobrevivência financeira. O uso de drogas (lícitas e ilícitas) por pessoas trans muitas vezes é uma resposta à vulnerabilidade. Esses lugares, como calçadas, paredes, placas, postes, ônibus e árvores, tornam-se palcos de manifestos e desempenham um papel crucial como espaços de expressão, nos quais grupos minoritários buscam visibilidade, proporcionando uma voz visual às narrativas muitas vezes marginalizadas.

## Museologia

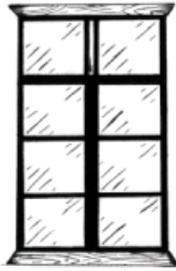
### **A quem interessa uma memória seletiva?**

Por Thays Oliveira

A cidade é o palco da identidade cultural de um grupo, e a expressão cultural de um lugar se dá através de seus monumentos, da memória a ser preservada, de seu patrimônio, e outras formas de celebração. Contudo, surge a indagação sobre por que os grupos sociais - em especial a comunidade LGBTQIAPN+ - continuam a ter sua memória negada, mesmo quando representam uma parte significativa da população. Por que, mesmo com uma parcela numericamente expressiva, ainda não encontramos uma representação adequada?

<sup>9</sup> BENTO Berenice M. "Brasil: o país do transfeminicídio". Revista Fórum, 2014. Disponível em <https://revistaforum.com.br/noticias/brasil-o-pais-transfeminicidio/>.

<sup>10</sup> BENEVIDES, Bruna G. Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022 / Bruna G. Benevides. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>. Acesso: 23/01/2024.



# Boletim da MEMÓRIA

Ano II

Piraquara, 31 de Janeiro de 2024

2ª Quinzena

Nº 18

Segundo um levantamento feito pelo Grupo Dignidade<sup>11</sup> em colaboração com o jornal Livre.Jor<sup>12</sup>, 8% da população de Piraquara faz parte da comunidade LGBTQIAPN+.<sup>13</sup> A escala Kinsey<sup>14</sup>, utilizada na pesquisa, estima aproximadamente 5945 homens gays e 3331 mulheres lésbicas, sem fornecer dados específicos sobre a população trans. Essa ausência de dados concretos contribui para um apagamento identitário, resultando em uma vulnerabilidade social para essa parcela da comunidade. Essa exclusão imposta socialmente não apenas nega o acesso a serviços básicos, mas também dificulta a inclusão no mercado de trabalho, expondo, sobretudo, as mulheres trans ao cotidiano violento da prostituição.

A vivência de pessoas LGBTQIAPN+, e particularmente pessoas

trans e travestis, permanece sendo um dos alvos principais do “esquecimento”. É importante reconhecer que, enquanto existe uma exaltação da memória de um grupo, o outro está indiretamente sendo apagado. A seletividade em relação à memória e contribuição de diversas identidades para construção de uma sociedade interessa somente aqueles que se veem como parte da “normalidade” imposta pelo sistema de gênero cis heteronormativo, que oculta qualquer outra forma de expressão de gênero ou sexualidade e provoca a marginalização e deslocamento desses grupos do âmbito social.

Segundo os professores Baptista e Boita<sup>15</sup>, até mesmo as iniciativas comunitárias em Memória e Museologia Social que transgridem a ideia de uma Museologia Tradicional, ainda não questionam a violência e o direito à memória aos LGBTQIAPN+. A marginalização desses grupos começa na representação, ou na falta dela. Dessa forma, dentre todos os monumentos e lugares de memória do município, os

---

<sup>11</sup> Grupo Dignidade. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/>. Acesso em: 20/01/2024

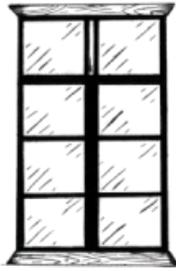
<sup>12</sup> LÁZARO, José Jr. Quantas pessoas gays, lésbicas e trans vivem nas cidades do Paraná?. Livre.Jor, 2021. Disponível em: <https://livre.jor.br/quantas-pessoas-gays-lesbicas-e-trans-vivem-nas-cidades-do-parana/>

<sup>13</sup> Em 2021, o Grupo Dignidade e o Jornal Livre Jor, realizou o estudo sobre quantas pessoas gays, lésbicas e trans vivem nas cidades do Paraná, utilizando os números do Ministério da Saúde.

<sup>14</sup> A escala considera que 10% da população masculina seja gay e 6% da população feminina seja lésbica, e recentemente convencionou-se que 0,5% da população é trans ou travesti

---

<sup>15</sup> BAPTISTA, J; BOITA, T. Memória e esquecimento LGBT nos museus, patrimônios e espaços de memória no Brasil. Revista do Centro de Pesquisa e Formação SESC 5 (2017): 108-119. Disponível em: <https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/70a5e644/a393/463e/a32c/38a11c4c671c.pdf>



espaços que restam aos dissidentes continuam sendo os invisíveis, como os muros e as calçadas.

## História

### **Guia de Acessibilidade na Comunicação para a Comunidade LGBTQIAPN+**

Por Sarah Valente

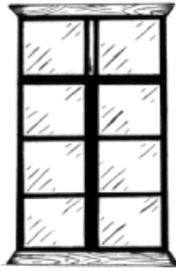
O lugar do/a/e historiador/a/e é um lugar de poder. A partir das fontes, nós falamos sobre as agruras e questões do nosso tempo ao olhar para o passado, escolhendo recortes guiados pela teoria e metodologia. Esse lugar nos permite ter um olhar mais amplo sobre a sociedade e elaborar narrativas a partir do que as fontes nos trazem em relação à vida das pessoas no passado. Dessa forma, o trabalho do historiador/a/e demanda conexão com as temáticas contemporâneas a partir de um olhar empático com as fontes e os processos históricos.

Enquanto produtores do conhecimento, nos cabe dialogar com os novos agentes sociais que tomam frente nos debates. É o caso da Comunidade LGBTQIAPN+, que apesar de permear toda a história da humanidade, foi encoberta e sistematicamente apagada até muito recentemente. Por essa razão, a uma

parte da historiografia tem se debruçado sobre o tema para compreender melhor as sociedades do passado, incluindo agora as figuras dissidentes do sistema de gênero e sexualidade.

Porém, enquanto historiadores/as, sabemos da dificuldade de compreensão da sociedade em relação à comunidade LGBTQIAPN+. Também sabemos que o silêncio é corroborar com o apagamento. Isto posto, nós podemos auxiliar a sociedade a compreender melhor quem são esses agentes políticos através da escrita e do registro.

Por essa razão, quando o Instituto Brasileiro de Museus divulgou o tema da 17ª Primavera dos Museus, que aconteceu de 18 a 24 de Setembro de 2023, com o tema Memórias e Democracia - pessoas LGBTQIAPN+, indígenas e quilombolas, a Casa da Memória prontamente pensou ações sobre o tema. Como resultado da nossa participação na 17ª Semana, surge o “Guia de Acessibilidade na Comunicação para a Comunidade LGBTQIAPN+ - atendimento museal e outras instituições públicas” e também o “Guia de Acessibilidade na Comunicação para a comunidade indígena - atendimento museal e outras instituições públicas”. O objetivo do guia é trabalhar de forma simplificada com o significado de cada letra, como acolher o público de



# Boletim da MEMÓRIA

Ano II

Piraquara, 31 de Janeiro de 2024

2ª Quinzena

Nº 18

forma respeitosa e uma série de proteções legais que as pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ tem asseguradas por lei. O Guia foi distribuído virtualmente e pode ser solicitado através do email: [casa.memoria@piraquara.pr.gov.br](mailto:casa.memoria@piraquara.pr.gov.br).

## Editorial

### **O Projeto Boletim da Memória**

Por Editorial

O Boletim da Memória é um projeto da Casa da Memória, que tem por objetivo informar sobre a documentação em relação ao município de Piraquara. O boletim também traz informações que tratam do trabalho com o acervo, utilizando de metodologias diversas, principalmente história oral, revisão bibliográfica, texto museológico, etc.

## **Ficha Técnica**

Prefeito Municipal de Piraquara

**Josimar Aparecido Knupp Fróes**

Secretária de Cultura, Esporte e lazer

**Ana Elizabete Mazon de Souza Tesserolli**

Casa da Memória Manuel Alves Pereira

Coordenadora

**Regina Almeida**

Historiadora

**Sarah Valente**

Redação e edição

**Derick Ehyeh, Thays Oliveira, Sarah Valente**

Projeto gráfico

**Sarah Valente e Natan José da Silva**

Revisão

**Regina Almeida**